



O MITO DA “TERRA POPULOSA”: UMA ANÁLISE DO EXÍLIO JUDAICO À LUZ DA PESQUISA HISTÓRICA E ARQUEOLÓGICA RECENTE¹

*The myth of the populous land: an analysis of the Jewish Exile in the light of
recent historical and archaeological research*

Tiago Abdalla Teixeira Neto²

RESUMO

Na década de 1990, o estudioso Hans Barstad desenvolveu a ideia, proposta inicialmente por Robert P. Carroll, do “Mito da Terra Vazia”, em que a concepção de um território judeu abandonado com grande parte do povo exilado teria sido uma criação posterior de uma pequena comunidade judaica zelosa por Sião que havia retornado de Babilônia. Segundo essa teoria, a sociedade em Judá continuou funcionando normalmente com seus camponeses, artesãos, comerciantes e funcionários do Templo. No entanto, estudos recentes têm questionado essa hipótese e indicado — por meio de evidências arqueológicas, documentais e demográficas — um evento marcante na história de Israel que pode ser identificado com o exílio e a destruição apresentados na Bíblia Hebraica. Portanto, a presente comunicação tem como objetivos analisar essas descobertas e pesquisas recentes

¹ Artigo recebido em 21 de dezembro de 2016, e aprovado pelo Conselho Editorial em reunião realizada em 08 de fevereiro de 2017, com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

² Bacharel em Teologia (Faculdade Teológica Sul Americana, 2006), Mestre em Teologia e Exposição do Antigo Testamento (Th.M., Seminário Bíblico Palavra da Vida, 2012) e Mestrando em Ciências da Religião, com especialização em Religião e Literatura do Mundo Bíblico, pela UESP sob a orientação do Dr. José Ademar Kaefer. Bolsista da CAPES. E-mail: tatn84@hotmail.com.

de forma panorâmica e demonstrar de que modo elas iluminam a compreensão do que significou, de fato, a destruição de Judá e o exílio da população daquela terra no século VI a.C..

Palavras-chave: Exílio. Judá. Queda de Jerusalém. Império Neo-Babilônio. Mito da Terra Vazia.

ABSTRACT

In the 1990s, the scholar Hans Barstad developed the idea, initially proposed by Robert P. Carroll, of the “Myth of the Empty Land”, in which the conception of an abandoned Jewish territory with much of the people exiled would have been a later creation of a small Jewish community zealous for Zion, who had returned from Babylon. According to this theory, society in Judah continued to function normally with its peasants, artisans, merchants and Temple officials. However, recent studies have challenged this hypothesis and indicated — through archaeological, documentary and demographic evidence — a striking event in the history of Israel that can be identified with the exile and destruction presented in the Hebrew Bible. The purpose of this paper is therefore to analyze these recent findings and researches in a panoramic way and to demonstrate how they illuminate the understanding of what the destruction of Judah and the exile of the people of that land meant in the sixth century B.C..

Keywords: Exile. Judah. Fall of Jerusalem. Neo-Babylonian Empire. Myth of the Empty Land.

INTRODUÇÃO

O mito da terra vazia, gestado no final do século XIX e concebido no final do XX, é uma teoria que questiona o exílio e a redução da população de Judá em 587/586 a.C.³. Sua proposta pode ser dividida em dois eixos: (1) a destruição em Jerusalém não foi tão devastadora quanto os relatos bíblicos parecem nos

³ Essa teoria é apresentada e defendida por TORREY, Charles C. **The composition and historical value of Ezra-Nehemiah**. Giessen: J. Ricker’sche, 1896; CARROLL, Robert P. *The myth of the empty land*. In: JOBLING, David; PIPPIN, Tina (Orgs.). **Ideological criticism of biblical texts**. Atlanta: Scholars, 1992. BARSTAD, Hans M. **The myth of the empty land: a study in the history and archaeology of Judah during the “Exilic” period**. Oslo: Scandinavian University Press, 1996. Uma atualização da teoria pode ser encontrada em BARSTAD, Hans M. **History and the Hebrew Bible: studies in ancient Israelite and Ancient Near Eastern historiography**. Tübingen: Mohr Siebeck, 2008, p. 90-117; CARROLL, Robert P. *Exile! What exile? Deportation and the discourses of Diaspora*. In: GRABBE, Lester L. (Org.). **Leading captivity captive: ‘the exile’ as history and ideology**. Sheffield: Sheffield Academic, 1998, p. 62-79.

transmitir; (2) o exílio de Judá foi uma criação, um mito, da elite judaica que retornou da Diáspora no governo persa.

Isto posto, este artigo busca analisar os dados literários e arqueológicos relacionados ao período do exílio de Judá e responder a duas questões básicas: Jerusalém sofreu, de fato, o grau de destruição apresentado nos relatos bíblicos? O que as evidências arqueológicas têm a revelar sobre a ocorrência ou não de um exílio/redução demográfica em Judá?

1 A QUEDA E DESTRUIÇÃO DE JERUSALÉM: FONTES BÍBLICAS E ARQUEOLÓGICAS

Depois da batalha de Carquemis, em que o exército babilônico infligiu uma completa derrota aos egípcios⁴, impactando profundamente os moradores da Síria e de Canaã⁵, e da ascensão de Nabucodonosor ao trono (ambos os eventos ocorreram em 605 a.C.)⁶, o novo monarca invadiu a Síria-Palestina, subjugou a cidade de Asquelom e conquistou o apoio de Jeoaquim⁷ (Eliaquim) de Judá, submetendo-o à vassalagem (2 Rs 24.1)⁸. Esta seria a primeira de oito campanhas do imperador babilônico na região⁹ e o início da consolidação de seu domínio sobre Jerusalém. No entanto, os acontecimentos traumáticos viriam depois, nas duas deportações iniciais da população judaica, em que os nobres e as pessoas da

⁴ Para o relato babilônico sobre a batalha de Carquemis, veja WISEMAN, D. J. (Ed.). **Chronicles of Chaldean kings (626-556) in the British Museum**. London: British Museum, 1956, p. 67-69, B.M. 21946.1-11.

⁵ Ver o testemunho do profeta Jeremias sobre os efeitos da vitória dos babilônios sobre o Egito em seu relato poético em Jr 46.2-12.

⁶ O ataque babilônio bem-sucedido contra Carquemis ocorreu entre maio e junho de 605, e a coroação de Nabucodonosor, em setembro do mesmo ano (ver LIPSCHITS, Oded. **The fall and rise of Jerusalem: Judah under Babylonian rule**. Winona Lake: Eisenbrauns, 2005, p. 37-38).

⁷ Tanto os nomes dos personagens da história de Israel quanto os textos bíblicos citados seguiram a tradução da versão *Almeida Revista e Atualizada*.

⁸ PROVAN, Iain. A monarquia posterior: os reinos divididos. In: LONGMAN III, Tremper; PROVAN, Iain; LONG, V. Philips. **Uma história bíblica de Israel**. São Paulo: Vida Nova, 2016, p. 428-429.

⁹ PROVAN, 2016, p. 429, nota 112.

realiza foram exiladas (2 Rs 24.14-15; 25.1-12; Jr 39.9-10)¹⁰.

A primeira deportação ocorreu em 597, em que o próprio rei Joaquim (Jeconias, filho de Jeoaquim) foi levado cativo, e seu tio¹¹, Zedequias, empossado em seu lugar (2 Rs 24.10-17). Nesse ataque contra Jerusalém, objetos do templo foram saqueados e levados para a Babilônia (2 Rs 24.11-13).

Por fim, em 587/586 a.C.¹², Zedequias, tio de Joaquim, acaba sendo exilado após uma rebelião¹³, e, segundo o relato da Bíblia Hebraica, a cidade

¹⁰ Deve-se reconhecer que o número total de exilados em 2 Reis 24.14 (10.000) é distinto de Jeremias 52.28-30 (4.600). Não há solução simples para essa diferença, embora o primeiro número possa incluir o número de soldados (7.000) de 2 Reis 24.16 mais a população descrita na primeira deportação de Jeremias 52.28 (3.023). Veja VEEN, Peter van der. Sixth-century issues: the fall of Jerusalem, the Exile and the return. In: HESS, Richard S.; ARNOLD, Bill T. (Orgs.). **Ancient Israel's history: an introduction to issues and sources**. Grand Rapids: Baker, 2014, p. 544, nota 1.

¹¹ Há um debate se Zedequias era tio (conforme 2 Rs 24.17; Jr 37.1) ou irmão de Joaquim/Jeconias (conforme 2 Cr 36.10). O texto de 1 Crônicas 3.15,16 sugere que Jeconias tinha tanto um tio quanto um irmão chamados Zedequias. Dificilmente, o editor de Crônicas faria confusão, pois tanto Jeremias e Reis indicam que Zedequias era o tio de Joaquim (2 Rs 24.17 o chama de תִּיב, tio). É possível que o termo אָח, irmão, deva ser entendido em seu sentido mais amplo de parente (veja Gn 13.8; 14.14,16; 29.12,15, em que sobrinhos são considerados אָח de seus tios). “Descendentes bem distantes de um pai em comum são chamados de irmãos. Portanto, ‘irmão’ aparece em justaposição com ‘filhos de Israel’ (Dt 24.7). ‘Irmão’ é usado de forma mais ampla em referência ao sobrinho de Abraão, Ló (Gn 13.8), e ao sobrinho de Labão, Jacó (Gn 29.15). Membros da mesma tribo também são chamados ‘irmãos’ entre os levitas (Nm 16.10) e o simeonitas (Nm 25.6).” (Wolf, H., אָח. In: HARRIS, R. Laird; ARCHER, Gleason L., Jr.; WALTKE, Bruce K. (Orgs.). **Theological Wordbook of the Old Testament**. Chicago: Moody, 1999.) Cf. KIRST, Nelson et al. **Dicionário hebraico-português e aramaico-português**. São Leopoldo: Sinodal, 1987, p. 6; HOLLADAY, W. L.; KÖHLER, L. **A concise Hebrew and Aramaic lexicon of the Old Testament**. Leiden: Brill, 2000, p. 8-9; BROWN, F.; DRIVER, S. R.; BRIGGS, C. **The Brown-Driver-Briggs Hebrew and English lexicon**. Oxford: Clarendon, 1977, p. 26; JENNI, Ernst. אָח. In: JENNI, Ernst; WESTERMANN, Claus. **Theological lexicon of the Old Testament**. Peabody: Hendrickson, 1997, p. 73-77; SCHÖKEL, Luis Alonso. **Dicionário bíblico hebraico-português**. São Paulo: Paulus, 1997, p. 39, itens 2 e 3; LONGMAN III, Tremper. O Exílio e o período posterior. In: LONGMAN III; PROVAN; LONG, 2016, p. 432-433, nota 7.

¹² Há debate se foi em 586 ou em 587 que Jerusalém e o templo caíram e foram destruídos pelas mãos dos babilônios. Para uma análise das posições e uma proposta de solução, veja EDWARDS, Ormond. The year of Jerusalem's destruction: 2 Addaru 597 B.C. reinterpreted. In: **Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft**, v. 104, n. 1, 1992, p. 101-106.

¹³ NICOL, T. Captivity. In: ORR, James. **The international standard Bible encyclopedia**. Grand Rapids: Eerdmans, 1939 (edição eletrônica).

de Jerusalém bem como o templo foram destruídos por Nabucodonosor (2 Rs 24.20—25.26; Jr 39.1-8)¹⁴. No entanto, será que podemos afirmar com segurança que a invasão babilônica teve toda essa amplitude de destruição¹⁵? Um dos precursores do mito da terra populosa, Charles C. Torrey, entendia que os relatos da devastação da cidade de Jerusalém foram muito exagerados, além de serem uma criação da comunidade pós-exílica de Jerusalém¹⁶. Há quem afirme que a descrição de Jeremias foi obsessiva e tinha como propósito central fornecer um mundo simbólico para a comunidade judaica enxergar a si mesma¹⁷. Como devemos entender a queda da capital judaica à luz dos dados arqueológicos, bem como dos registros da época?

Ao que tudo indica, dois objetivos principais levaram os babilônios a investir contra Jerusalém e a transformar o reino vassalo de Judá em uma província do império: “remover a dinastia davídica do poder, pois havia agido com deslealdade repetidas vezes, e destruir Jerusalém, que tinha sido, de forma recorrente, um centro de rebelião contra o governo babilônico”¹⁸. Isso resultou em

¹⁴ MERRILL, Eugene H. **História de Israel no Antigo Testamento**. Rio de Janeiro: CPAD, 2001, p. 497-498.

¹⁵ Ver a conclusão de Hans M. Barstad sobre os fatos históricos que podem ser extraídos das passagens bíblicas: Nabucodonosor conquistou Jerusalém e outras cidades de Judá, saqueando-as e levando parte da população da capital — ele não menciona a destruição do templo ou do palácio real (BARSTAD, Hans M. After de “myth of empty land”: major challenges in the study of Neo-Babylonian Judah. In: BLENKINSOPP, Joseph; LIPSCHITS, Oded. **Judah and the Judeans in the Neo-Babylonian period**. Winona Lake: Eisenbrauns, 2003, p. 6).

¹⁶ TORREY, Charles C. **The composition and historical value of Ezra-Nehemiah**. Giessen: J. Ricker'sche, 1896, p. 54-55, nota 2. Hans M. Barstad segue uma tese parecida com a de Torrey, ao propor que a destruição em Jerusalém, apesar de ter sido violenta, não foi generalizada (ver BARSTAD, 2008, p. 104-117).

¹⁷ Ver O'CONNOR, Kathleen M. The book of Jeremiah: reconstructing community after disaster. In: CARROLL, M. Daniel; LAPSLEY, Jacqueline E (Eds.). **Character ethics and the Old Testament: moral dimensions of Scripture**. Louisville: Westminster John Knox, 2007, p. 84. Embora Kathleen M. O'Connor não rejeite o desastre que ocorreu em Jerusalém, ela sugere que o foco de Jeremias está em recriar de forma poética o que ocorreu em 586, ou seja, os aspectos retóricos literários da obra são centrais, e as informações historiográficas, secundárias: “De fato, eu assumo que, em sua forma final, o livro é uma tapeçaria simbólica, um mundo metafórico, um rico guizado de sentido que surge da queda da nação” (p. 82). De forma diferente, Lipschits afirma que a biografia de Jeremias (Jr 37—43.7) “oferece informação confiável e importante que reitera fatos conhecidos e também fornece informação adicional” (LIPSCHITS, 2005, p. 75).

¹⁸ LIPSCHITS, 2005, p. 72.

uma grande destruição de Jerusalém, a fim de garantir um novo centro de poder na região, e na eliminação de grande parte dos membros da dinastia reinante.

Em primeiro lugar, esses fatos são confirmados por fontes da tradição bíblica. Uma delas, que parece ter sido composta no início do período exílico pouco tempo depois da invasão em 587/586 a.C.¹⁹, faz alusão ao estado de ruína e desolação de Jerusalém: “A cidade foi devastada de um modo sistemático e calculado com o propósito de exterminá-la como um centro religioso e político.”²⁰.

Como jaz solitária a cidade outrora populosa! Tornou-se como viúva a que foi grande entre as nações; princesa entre as províncias, ficou sujeita a trabalhos forçados! [...] Os caminhos de Sião estão de luto, porque não há quem venha à reunião solene; todas as suas portas estão desoladas; os seus sacerdotes gemem; as suas virgens estão tristes, e ela mesma se acha em amargura. [...] Tornou-se o Senhor como inimigo, devorando Israel; devorou todos os seus palácios, destruiu as suas fortalezas e multiplicou na filha de Judá o pranto e a lamentação. (Lm 1.1,4; 2.5, itálico acrescentado).

Essas citações selecionadas resumem o conteúdo básico de Lamentações, que nos deixa com a impressão “de uma cidade arruinada [...] caracterizada pela morte, fome, miséria, deportação em massa e desolação”²¹.

Os relatos de 2 Reis 25.8-10, Jeremias 39.8 e 52.12-14 apresentam informações históricas específicas e sujeitas a verificação do historiador. É bem provável que esses registros partilhem de uma fonte em comum²², pois, apesar de

¹⁹ SCHNIEDEWIND, William M. **Como a Bíblia tornou-se um livro**: a textualização do antigo Israel. São Paulo: Loyola, 2011, p. 193, 201; LONGMAN III, 2016, p. 434-435; KAISER Jr., W. C. **Grief and pain in the plan of God**: Christian assurance and the message of Lamentations. Fearn: Christian Focus, 2004, p. 27. Ver também SMITH, Mark S. **O memorial de Deus**: história, memória e a experiência do divino no Antigo Israel. São Paulo: Paulus, 2006, p. 99-101. As marcas profundas do sofrimento causado pelo exílio estão bem presentes no texto: “Devido à natureza emocionalmente carregada dos lamentos sobre a destruição de Jerusalém, o autor foi, provavelmente, uma testemunha ocular da queda da cidade. É quase universal a opinião de que o livro foi escrito em 587 a.C., quando os eventos ainda estavam vívidos na memória do autor.” (HUEY, F. B. **Jeremiah, Lamentations**. Nashville: Broadman & Holman, 1993, p. 444).

²⁰ LIPSCHITS, 2005, p. 112 (cf. p. 82).

²¹ ODED, B. Where is the “myth of empty land” to be found? History versus myth. In: LIPSCHITS; BLENKINSOPP, 2003, p. 65.

²² Em relação a Jeremias 39 e 2 Reis 25, ver ALBERTZ, Rainer. **Israel in exile**: the history and literature of the sixth century B.C.E. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2003, p. 5, nota 3; Lipschits parece defender a precedência do relato de 2 Reis 25 sobre Jeremias 52 (ver LIPSCHITS, 2005, p. 300, 336-338).

ênfases distintas, não há diferenças significativas.

Embora o relato da queda de Jerusalém e da destruição do templo em Reis apresente um quadro literário semelhante ao encontrado em outras fontes do antigo Oriente Próximo²³, isso não o impede de conter dados históricos úteis para o pesquisador moderno. 2 Reis 25 apresenta um estilo breve e direto, com foco no destino do rei e dos habitantes de Jerusalém e em sua destruição²⁴. A parte inicial do texto revela as datas de início e fim do cerco de Jerusalém. De acordo com as informações da passagem, Nabucodonosor começou seu ataque contra Jerusalém “no nono ano do reinado de Zedequias, aos dez dias do décimo mês” (25.1). Essa datação também ocorre em Ezequiel 24.1-2, dia em que “o rei da Babilônia se atira contra Jerusalém”. A biografia²⁵ de Jeremias confirma essas informações sem mencionar o dia específico (39.1), que é citado ao final do livro, em Jeremias 52.4.

No relato de Reis, os babilônios finalmente entraram em Jerusalém “aos nove dias do mês, quando a fome se intensificava na cidade [...]” (2 Rs 25.3,4, tradução do autor). O versículo 2 informa que isso ocorreu no ano onze do reinado de Zedequias (cf. Jr 39.2; 52.5), e Jeremias 39.2 e 52.6 completam a informação dizendo que era o “quarto mês”²⁶, ambos remetendo ao mesmo dia do relato de 2 Reis 25.

Os babilônios, finalmente, conseguiram penetrar por meio de uma brecha nos muros de Jerusalém (2 Rs 25.4; Jr 52.7)²⁷, capturar o rei foragido Zedequias e executar contra ele as maldições previstas nos antigos tratados do Oriente Próximo (2 Rs 25.4-7; Jr 52.7-11)²⁸. Após a reconquista da cidade pelos

²³ Ver FRIED, Lisbeth S. The land lay desolate: conquest and restoration in the Ancient Near East. In: LIPSCHITS; BLENKINSOPP, 2003.

²⁴ LIPSCHITS, 2005, p. 72.

²⁵ Quanto à biografia contida no livro de Jeremias, ver LIPSCHITS, 2005, p. 312ss.

²⁶ Para apoio ao acréscimo do mês no texto 2 Reis 25, como informação perdida no processo de transmissão textual, ver MONTGOMERY, James. **A critical and exegetical commentary on the book of Kings**. Edinburgh: T & T Clark, 1951, p. 561. Entre os estudiosos, a posição predominante é a de que o texto de Jeremias 52 antecedeu o de Jeremias 39, embora não se possa afirmar que o primeiro tenha sido a única fonte do segundo (ver ALLEN, L. C. **Jeremiah: a commentary**. Louisville/London: Westminster John Knox, 2008, p. 418).

²⁷ Em apoio a uma brecha no muro da cidade, ver MALAMAT, A. The last kings of Judah and the fall of Jerusalem: an historical-chronological study. In: **Israel Exploration Journal**, v. 18, n. 3, 1968, p. 153,155; WISEMAN, Donald D. **1 e 2 Reis**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 271.

²⁸ LIPSCHITS, 2005, p. 79.

abilônios, qual foi o destino de Jerusalém?

Cerca de um mês após a retomada da cidade (2 Rs 25.8; Jr 52.12), Nebuzaradã, comandante ou capitão²⁹ da guarda de Babilônia, oficial de Nabucodonosor, foi a Jerusalém com o intuito de destruir a cidade sistematicamente³⁰. O intuito de eliminar Jerusalém como centro político e religioso da nação fica evidente no ato de incendiar a “casa de Yahweh” (*bêṭ yhw*) e a “casa do rei” (*bêṭ hammelek*) (2 Rs 25.9a; Jr 52.13a)³¹.

A proporção da devastação é vista ainda na indicação de que o fogo alcançou também *todas* “as casas de Jerusalém” e “toda casa grande” (tradução do autor) (2 Rs 25.9b; Jr 52.13b). A primeira expressão parece ser uma referência às casas comuns dos habitantes de Jerusalém, pois ela ocorre em Jeremias 19.13 como complemento e contraste às “casas dos reis”. Além disso, na passagem de Jeremias 39.8, uma descrição paralela da destruição de Jerusalém, “casas de Jerusalém” é substituída por “casa do povo”, expressão que também funciona como contraste para a “casa do rei”. Portanto, a ideia básica é generalizar: grande parte das casas comuns de Jerusalém foi destruída³². A segunda expressão, “casa grande”, uma expressão rara na Bíblia Hebraica, parece indicar as maiores e principais casas na cidade de Jerusalém³³.

Por fim, os muros da cidade foram derribados (2 Rs 25.10; Jr 52.14). Esse acontecimento é confirmado pelo testemunho posterior encontrado no livro

²⁹ Para o sentido de *rab* ver BROWN; DRIVER; BRIGGS, 1977, p. 913; HOLLADAY; KÖHLER, 2000, p. 330.

³⁰ Nesta parte do relato, o autor usa o tempo de reinado de Nabucodonosor para descrever os eventos subsequentes à morte de Zedequias. O ano onze de Zedequias era equivalente ao dezanove de Nabucodonosor nas fontes bíblicas (cf. 2 Rs 24.12-17; 32.1; ALBERTZ, 2003, p. 79). Há diferença entre o dia do quinto mês informado no relato de Reis (sétimo) e o de Jeremias (décimo). Para possibilidades e análises sobre essa questão, ver HUEY, 1993, p. 435; LIPSCHITS, 2005, p. 80.

³¹ MIDDLEMAS, Jill. **The troubles of templeless Judah**. Oxford: Oxford University Press, 2005, p. 1; CONSTABLE, Thomas. **Notes on 2 Kings**. [s.l.]: 2016, p. 63; LIPSCHITS, 2005, p. 80; GOTTWALD, Norman K. **The politics of Ancient Israel**. Louisville: Westminster John Knox, 2001, p. 71; MERRILL, 2001, p. 481; ALBERTZ, 2003, p. 91.

³² LIPSCHITS, 2005, p. 81, nota 167 (contra PATTERSON, Richard D.; AUSTEL, Hermann J. 1 and 2 Kings. In: GAEBELEIN, Frank E (Ed.). **The expositor's Bible commentary**. Grand Rapids: Zondervan, 1992, v. 4, p. 298; KEIL, C. F.; DELITZSCH, F. **Commentary on the Old Testament**. Peabody: Hendrickson, 1996, v. 3, p. 364).

³³ Ver HUEY, 1993, p. 436; LIPSCHITS, 2005, p. 81, nota 168.

de Neemias de que os muros de Jerusalém estavam “assolados”, e as portas, consumidas pelo fogo (Ne 2.13-15)³⁴, uma provável referência aos muros do lado oriental da cidade³⁵. O comandante dessa destruição em Jerusalém, Nebuzaradã, ou Nabuzeriddinam, é mencionado nos documentos históricos do reinado de Nabucodonosor como um dos oficiais de sua corte³⁶.

No entanto, será que o registro de Bíblia Hebraica retrata, de modo geral, eventos históricos ou toda essa descrição não passaria de uma ficção criada posteriormente por um grupo da elite judaica que havia retornado de Babilônia? O que os dados arqueológicos têm a nos dizer?

Nas escavações realizadas por Kathleen M. Kenyon na parte oriental de Jerusalém, durante a década de 1960, foi encontrada evidência de destruição das casas e do muro na fase final da Idade do Ferro II (século VI a.C.)³⁷.

Oded Lipschits observa que as principais evidências da destruição de Jerusalém pelos babilônios foram descobertas pelas escavações (1978-1985) da cidade de Davi, lideradas por Yigal Shiloh, revelando um vácuo populacional depois da reconquista do exército de Nabucodonosor, em que constam apenas alguns objetos de cerâmica no lado ocidental da cidade, sem nenhuma descoberta arquitetônica desse período; além disso, outras evidências de destruição no final da Idade do Ferro foram encontradas em toda a cidade de Jerusalém³⁸. Hershel Shanks apresentou um resumo proveitoso das descobertas de Shiloh, mencionando dois prédios de fino acabamento preservados apenas parcialmente por causa da terrível destruição que sobreveio à cidade no ataque dos babilônios. Ele também faz referência às pontas de flechas encontradas no “Burnt Room” (Quarto Queimado) que revelam o período final anterior à destruição e ao incêndio de Jerusalém³⁹.

Ao final de seu relatório, Shiloh apresenta um resumo em que faz observações significativas sobre o estrato 10 (650-501 a.C.), citado na íntegra aqui:

³⁴ LIPSCHITS, 2005, p. 82.

³⁵ BRENNEMAN, M. **Ezra, Nehemiah, Esther**. Nashville: Broadman & Holman, 1993, p. 180.

³⁶ Ver a subseção “(b) The Court of Nebuchadnezzar” em PRITCHARD, James B. **Ancient Near Eastern texts relating to the Old Testament**. 3. ed. Princeton: Princeton University Press, 1969, p. 307. Em apoio a essa tese, ver LONGMAN III, 2016, p. 434.

³⁷ KENYON, Kathleen M. **Digging up Jerusalem**. London: Benn, 1974, p. 170-171.

³⁸ LIPSCHITS, 2005, p. 211.

³⁹ SHANKS, Hershel. The city of David after five years of digging. In: **Biblical Archaeology Review**, v. 11, n. 6, 1985.

A destruição da camada do estrato 10 — a destruição da cidade inteira por Nabucodonosor em 586 A.E.C. — era de uma intensidade semelhante por todas as áreas de escavação em que esse estrato foi encontrado (áreas D2, E1-3, G). A evidência na Bíblia (2 Rs 25.8-10; Jr 39.1-8; 2 Cr 36.18-19) é complementada pela clara evidência arqueológica: a destruição total de várias estruturas e o incêndio devastador que consumiu várias partes de madeira das casas. A cerâmica do estrato da destruição em todas as áreas é idêntica à coleção de cerâmica característica de outros sítios em Judá também do final da Idade do Ferro [século VI], tais como Láquis estrato II, En-Gedi estrato V, Arade estrato VI, Ramat Rahel estrato V. Os conteúdos dos edifícios — cerâmica, objetos de barro, metal, vestígios de móveis da madeira — foram encontrados presos nessas camadas. A atmosfera da véspera da batalha e da destruição é realçada pela quantidade de armas de guerra encontradas espalhadas dentro de vários prédios, principalmente na área G. De modo interessante, nenhum resto humano foi encontrado nas ruínas. O colapso final das estruturas do declive oriental ocorreu em pouco tempo, provavelmente durante o inverno seguinte à queda da cidade, quando a fúria da natureza teria estado mais ativa sem ninguém presente para resisti-la. As paredes de sustentação, partes dos prédios e seções do muro da cidade ruíram e tombaram sobre o declive, cobrindo-o com uma grossa camada de pedra e entulho de terra (Estrato 10A [século VI]).⁴⁰

O relatório de Shiloh revela destruição e incêndio por várias áreas da cidade, no início do século VI⁴¹. Além dos dados colhidos e relatados por Kenyon e Shiloh, as informações de Eilat Mazar, que realizou escavações, mais recentemente, em Jerusalém, também corroboram a devastação massiva da cidade pelas mãos dos babilônios: “De fato, a fase final do complexo da fortificação sofreu um incêndio imenso e uma destruição devastadora, deixando vasos inteiros de cerâmica, característicos do final do período do Primeiro Templo, esmagados em uma camada cheia de cinzas”⁴².

Assim, podemos concluir que “Jerusalém foi completamente destruída por Nabucodonosor, e sua população deportada para a Babilônia. A cidade ficou, então, abandonada por um período de cinquenta anos [...]”⁴³.

⁴⁰ SHILOH, Yigal. Excavations at the city of David I 1978-1982: interim report of the first five seasons. In: **Qedem**, v. 19, 1984, p. 29.

⁴¹ SHILOH, 1984, p. 18-19.

⁴² MAZAR, Eilat. **Discovering the Solomonic wall in Jerusalem: a remarkable archaeological adventure**. Jerusalem: Shoham Academic Research and Publication, 2011, p. 147.

⁴³ KAEFER, José Ademar. **Arqueologia das terras da Bíblia**. São Paulo: Paulus, 2012, p. 11.

2 O EXÍLIO DA POPULAÇÃO: ASPECTOS ARQUEOLÓGICOS E DEMOGRÁFICOS

No processo de deportação de judeus para a Babilônia, o relato da Bíblia Hebraica afirma que os pobres e miseráveis permaneceram na terra (2 Rs 24.14-15; 25.1-12; Jr 39.9-10)⁴⁴, enquanto a elite da sociedade hebraica encontrava-se exilada na capital do império de sua época e outros judeus haviam sido vítimas “[d]a espada, [d]a fome e [d]a peste” (Jr 24.9,10). No entanto, Robert P. Carroll⁴⁵ afirmou que a concepção de um território judeu abandonado com grande parte do povo exilado teria sido uma criação posterior de uma pequena comunidade judaica zelosa por Sião que havia retornado de Babilônia. Segundo Barstad, há um exagero no relato bíblico em sua descrição catastrófica do cativo, pois a sociedade em Judá continuou funcionando normalmente com seus camponeses, artesãos, comerciantes e funcionários do Templo, embora Jerusalém tenha sido destruída, e alguns cidadãos judeus, levados para o exílio⁴⁶.

Apesar dessas tentativas de negar o cativo, os textos bíblicos e as evidências arqueológicas parecem confirmá-lo, juntamente com outros fatores de redução demográfica, como a morte na guerra ou causada pela fome durante os cercos. Em uma análise demográfica de Judá e Benjamim que compara a população do fim da Idade do Ferro e a do início do Período Persa, com base em dados arqueológicos, Lipschits mostra que houve um decréscimo significativo do número de habitantes: “[...] parece que a destruição de Jerusalém e o final do reino de Judá levaram à mais grave crise demográfica na história do reino de Judá — bem mais severa que aquela produzida pela campanha de Senaqueribe (701 AEC)”⁴⁷.

⁴⁴ MERRILL, 2001, p. 412-415.

⁴⁵ CARROLL, Robert P. The myth of the empty land. In: JOBLING, David; PIPPIN, Tina (Orgs.). **Ideological criticism of biblical texts**. Atlanta: Scholars, 1992.

⁴⁶ BARSTAD, 2008, p. 90-117.

⁴⁷ LIPSCHITS, Oded. Demographic changes in Judah between the seventh and the fifth centuries BCE. In: LIPSCHITS; BLENKINSOPP, 2003, p. 364. Bob Becking apresenta o mesmo entendimento ao afirmar: “Com a ideia de exílio eu me refiro a um movimento em Judá do sexto século AEC. Não se pode negar de modo sério que no início daquele século os habitantes de Jerusalém e de sua vizinhança foram deportados contra sua vontade para a Babilônia. [...] Evidência para essa deportação pode ser encontrada fora do discurso bíblico. [...] Com base no que pode ser comparado, não é possível, de

No presente artigo pretendemos lidar com dois exemplos da pesquisa arqueológica que corroboram o “Babylonian Gap” (expressão de Ephraim Stern⁴⁸), as descobertas na região da Grande Jerusalém e na Sefelá Judaica. Embora seja verdade que praticamente não houve redução demográfica significativa na parte montanhosa do norte de Judá, isso não se aplica ao restante da nação formada por Judá/Benjamim, cujo declínio demográfico foi considerável, inclusive em Benjamim, onde não houve destruição, mas certa diminuição de habitantes⁴⁹.

Em Jerusalém e seus arredores há informações suficientes que comprovam o mito da terra populosa. Como já mencionado anteriormente, as escavações de Yigal Shiloh não revelaram vestígios arquitetônicos, mas somente poucos cacos/objetos de cerâmica na parte ocidental da cidade — uma pequena e pobre população que habitou na área da Cidade de Davi e do Monte do Templo⁵⁰.

No Período Persa, os escassos vestígios encontrados fora dos limites da chamada Cidade de Davi indicam que o apogeu da ocupação da cidade de Jerusalém nessa época não excedeu 60 dunans⁵¹, sendo que a parte ocidental só voltou a ser habitada no período helênico⁵². Esse espaço de ocupação sugere uma população de, no máximo, 1.500 pessoas, bem menor que a do final do Ferro II⁵³. A área mais populosa de Jerusalém no período persa foi a estreita faixa da Cidade de Davi, onde a maior parte do material arqueológico foi descoberto, mas mesmo nessa área os artefatos são poucos e não há nenhuma evidência arquitetônica clara, demonstrando que Jerusalém não se tornou um grande centro urbano nessa época

forma séria, negar que, próximo ao final do sexto século AEC, pessoas que estavam em Babilônia começaram a se mudar pra uma área sob a administração persa chamada Yehud.” (Ezra’s re-enactment of the exile. In: GRABBE, 1998, p. 42).

⁴⁸ STERN, Ephraim. The Babylonian gap. In: **Biblical Archaeology Review**, 2000, v. 26, n. 6, p. 45-51, 76.

⁴⁹ Quanto a Benjamim e à região montanhosa do norte de Judá, ver a análise extensa e detalhada em LIPSCHITS, 2005, p. 237-258.

⁵⁰ LIPSCHITS, 2005, p. 211.

⁵¹ Ver os dados de CARTER, Charles E. **The emergence of Yehud in the Persian Period: a social and demographic study**. Sheffield: Sheffield Academic, 1999, p. 201. Carter declara: “Ao final do século quinto, é provável que Jerusalém tivesse crescido à sua extensão plena de aproximadamente 60 dunans ocupados (cerca de 70 a 80 dunans teriam sido dedicados ao templo e ao complexo administrativo; isso, todavia, é considerado espaço público, e não área habitada)”.

⁵² LIPSCHITS, 2003, p. 330 (ver também nota 24).

⁵³ CARTER, 1999, p. 201-202.

— fato confirmado ainda pelo tamanho reduzido do muro da cidade no Período Persa⁵⁴.

As descobertas em Ramat-Raḥel, a quatro quilômetros ao sul de Jerusalém, revelam ainda uma deserção do local no século VI a.C., quando Jerusalém estava em ruínas⁵⁵. A cidade só voltou a ter importância no período persa, como um centro administrativo da província. Esse reassentamento é comprovado por uma comparação de estampas de selos. De 42 estampas *mwh*⁵⁶ datadas do século VI a.C., trinta foram encontradas em Tell en-Naṣbeh (Mispá), e apenas uma em Ramat-Raḥel. Já das estampas de selo *yhw* dos séculos V-IV a.C. foram encontradas 412, 194 (47,1%) em Ramat-Raḥel, e somente 19 (4,6%) em Tell en-Naṣbeh, embora os vestígios arquitetônicos da primeira cidade sejam significativamente mais pobres do que na época do Império Assírio⁵⁷.

As pouquíssimas descobertas de sepulturas em Ketef Hinnom e em Mamillah, nos arredores de Jerusalém, durante o período do cativo ou persa podem indicar apenas que os sobreviventes à destruição, mesmo vivendo em regiões próximas — como Benjamim, Ramat-Raḥel e Belém —, foram enterrados junto a seus antepassados na antiga capital⁵⁸.

Uma análise dos dados arqueológicos que compara o padrão de assentamento da região de Jerusalém do Ferro II com o do Período Persa revela a diferença significativa entre os dois períodos e confirma a realidade do exílio e de mortes durante a conquista babilônica nessa região.

Na parte final do Ferro II (séculos VIII e VII a.C.), Jerusalém se expandiu, sua população cresceu, e uma grande área se formou ao redor da cidade,

⁵⁴ LIPSCHITS, 2005, p. 213.

⁵⁵ NA'AMAN, Nadav. **Ancient Israel and its neighbors**: interaction and counteraction. Winona Lake: Eisenbrauns, 2005, p. 293-294.

⁵⁶ Essas estampas representam a cidade benjamita Mozah e podem ter servido a três propósitos, sendo o último o mais provável: a) Moṣah pode ter funcionado como um centro de coleta de impostos; b) as estampas de Moṣah podem ter sido usadas como marca registrada para os produtos da cidade, como vinho e mel; c) ou Moṣah era uma propriedade real que supria produtos para o governador da província (ver AVIGAD, Naaman. New light on the MSH seal impressions. In: **Israel Exploration Journal**, v. 8, n. 2, p. 117-119; cf. CORNELIUS, Lynne. **The development of accounting in Palestine during the First millennium: 1000-332**. 2015. 249f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia Bíblica) — University of South Africa, Pretoria, 2015.

⁵⁷ LIPSCHITS, 2005, p. 214-215.

⁵⁸ VEEN, 2014, p. 544 (esp. nota 37).

sendo o limite da parte fortificada de Jerusalém definido, em especial, pelas muitas sepulturas que a cercavam. Aldeias vizinhas sem fortificações foram construídas ao norte da cidade, e havia propriedades agrícolas, ao redor dela, com grandes vilas constituindo a parte mais remota do raio do território conhecido como “grande Jerusalém”, atingindo um tamanho entre 900 e 1.000 dunans⁵⁹.

No Período Persa, quando Jerusalém passou a ser repovoada (final do século VI a.C.), surge um padrão de habitação bem diferente: a maior parte da população estava concentrada na Cidade de Davi, em uma área que não excedia 60 dunans, mais um pequeno número de pequenas propriedades agrícolas, a maioria ao sul de Jerusalém e a oeste de Ramat-Raḥel e Belém⁶⁰.

Há um declínio no número de assentamentos da grande Jerusalém em cerca de 89%: 134 sítios do período do Ferro, e somente 15 do Período Persa. De uma área de cerca de 1.000 dunans de território habitado no final do Ferro II, Jerusalém e seus arredores foram reduzidos a 110 dunans durante o Império Persa⁶¹.

A implicação é que a região mais próxima de Jerusalém sofreu um golpe mortal no final da Idade do Ferro, culminando no desalojamento da maioria da população. Esse declínio deve estar relacionado com o ataque de Babilônia contra Jerusalém e com o impacto que ele teve sobre a região mais próxima da cidade durante o longo cerco.⁶²

A Sefelá era a porta de entrada para o centro de Judá e o exército babilônico precisaria conquistar as cidades dali antes de invadir a região montanhosa. A principal evidência da invasão pode ser encontrada nas escavações

⁵⁹ MAZAR, Amihai. *Archaeology of the land of the Bible: 10.000-586 B.C.E.* New York: Doubleday, 1990, p. 416-424; LIPSCHITS, 2005, p. 215. Ver também as descobertas de uma fortificação ao norte da cidade que “testemunham um intenso assentamento nesse período [Idade do Ferro]” (BARKAY, Gabriel; FANTALKIN, Alexander; TAL, Oren. A Late Iron Age fortress North of Jerusalem. In: *Bulletin of the American Schools of Oriental Research*, n. 328, 2002, p. 49-71).

⁶⁰ LIPSCHITS, 2005, p. 216. No território a norte e a leste de Jerusalém, existiram 14 propriedades agrícolas (em contraste com as mais de 60 do período do Ferro II), e toda a área norte e oeste fora de Jerusalém, que tinha várias fazendas pequenas no final do Ferro II, ficou completamente desolada.

⁶¹ LIPSCHITS, 2003, p. 331-333. Ver também LIVERANI, Mario. *Para além da Bíblia: história antiga de Israel*. 2. ed. São Paulo: Paulus/Loyola, 2014, p. 244.

⁶² LIPSCHITS, 2005, p. 218.

do estrato II em Laquis (Tell ed-Duweir), cuja intensidade da destruição é muito evidente: traços de um incêndio devastador, pontas de flechas, partes do muro queimado e destruição completa dos edifícios⁶³. Yigal Shiloh afirma que “o paralelo histórico-arqueológico entre as camadas de destruição de Jerusalém e de Laquis é muito claro. Podemos citar aqui sem nenhuma hesitação Jeremias 7.34 [sic: 34.7]”⁶⁴. O sítio não traz evidência alguma de reconstrução ou de um novo assentamento até metade do século V a.C.⁶⁵.

Na cidade de Azeca, também mencionada em Jeremias 34.7, não há evidências conclusivas sobre esse período, a não ser o fato de que as escavações revelam que os grandes picos habitacionais ocorreram durante a Idade do Bronze Recente e a Idade do Ferro II, com alguns achados da época do Império Persa e de outros períodos⁶⁶. No entanto, é significativo o seguinte relato no óstraco IV de Láquis: “E saiba (meu senhor) que estamos procurando atentamente por sinais de Laquis, conforme todas as indicações que meu senhor tem fornecido, *pois não conseguimos ver Azeca*”⁶⁷.

Em Tel-Goded (Tell Judeideh), o intervalo populacional é, ao que tudo indica, mais longo que Laquis, incluindo todo o Período Persa, ao passo que as coleções de cerâmica encontradas ali da camada anterior ao período helênico se assemelham bastante às camadas II e III de Láquis, isto é, final do Ferro II⁶⁸. Da mesma forma, em Maressa (Tell Sandahannah), há um grande intervalo que percorre a destruição da cidade no final da Idade do Ferro II até a cidade helênica,

⁶³ TUFNELL, Olga. **Lachish III: The Iron Age**. London: Oxford University Press, 1953, p. 56-58.

⁶⁴ SHILOH, Yigal. Judah and Jerusalem in the eighth-sixth centuries B.C.E. In: GITIN, Seymour; DEVER, William G. (eds.). **Recent excavations in Israel: studies in Iron Age archaeology**. Winona Lake: Eisenbrauns, 1989, p. 102. Ver também LIPSCHITS, 2005, p. 219.

⁶⁵ TUFNELL, 1953, p. 48.

⁶⁶ LIPSCHITS, Oded. Tel Azekah 113 years after: preliminary evaluation of the renewed excavations at the site. In: **Near Eastern Archaeology**, v. 75, n. 4, 2012, p. 200. Nas últimas escavações lideradas por Oded Lipschits, camadas de destruição encontradas remontam ao período do Bronze, por isso, não trazem contribuições para a época em análise neste artigo (ver LIPSCHITS, 2012, p. 203-204).

⁶⁷ PRITCHARD, 1969, p. 322.

⁶⁸ BLISS, F. Jones; MACALISTER, R. A. Stewart. **Excavations in Palestine: during the years 1898-1900**. London: Palestine Exploration Fund, 1902, p. 44-51.

com descobertas muito raras do Período Persa⁶⁹.

Dados de uma pesquisa arqueológica realizada na Sefelá desde 1979 complementam o quadro apresentado pelas escavações arqueológicas. Durante os séculos VIII e IX, a Sefelá experimentou um florescimento populacional, com crescimento de seus habitantes, muitos novos assentamentos (especialmente, pequenas propriedades agrícolas) e uma ampliação das regiões habitadas. A campanha de Senaqueribe, em 701 a.C., provocou uma diminuição da população, que, todavia, voltou a crescer ao longo do século VII, experimentando um processo de refortificação e somando, ao final do século, uma área de construção de cerca de 800 dunans nas principais cidades⁷⁰.

Entretanto, o século VI a.C. apresenta uma redução demográfica significativa e progressiva na Sefelá, ainda que não se saiba se isso ocorreu de uma só vez ou se foram várias destruições sucessivas pelo ataque babilônico. De qualquer maneira, há um intervalo habitacional demonstrado tanto pelas escavações dos sítios quanto pela revelação de um novo padrão de assentamentos durante o Período Persa⁷¹. Na Idade do Ferro, os assentamentos ocorrem nas partes orientais da Sefelá, na base das escarpas ocidentais, ao passo que, no Período Persa, as regiões habitadas se concentraram, basicamente, na parte norte e leste de Maressa e Beth-Govrin e em conglomerados populacionais entre Bete-Semes e o Vale de Elá. Mais de 70% dos sítios habitados no Período Persa foram estabelecidos em locais distintos da Idade do Ferro, revelando um vácuo habitacional no século VI A.E.C. Enquanto a Sefelá judaica somava cerca de 900 dunans de área habitada, no Período Persa eram apenas 150 dunans⁷².

Os dados apresentados nesses dois estudos de caso, da Grande Jerusalém e da Sefelá Judaica, indicam uma redução demográfica significativa, que se deve, muito provavelmente, ao(s) ataque(s) praticado(s) pelo grande império que surgiu ao final do século VII a.C., o Império Babilônico. A teoria de que a enorme

⁶⁹ BLISS; MACALISTER, 1902, p. 52-61.

⁷⁰ FINKELSTEIN, Israel. The archaeology of the days of Manasseh. In: COOGAN, M. D.; EXUM, J. C.; STAGER, L. E. (Orgs.). **Scripture and other artifacts**: essays on the Bible and archaeology in honor of Philip J. King. Louisville: Westminster John Knox, 1994, p. 172-173; LIPSCHITS, 2005, p. 220-221.

⁷¹ LIPSCHITS, 2005, p. 221-222. Esse vácuo possibilitou que novos grupos étnicos — conhecidos como idumeus no Período Helênico — penetrassem e tomassem parte da região.

⁷² LIPSCHITS, 2003, p. 344-146.

diminuição populacional em Judá é um mito criado por judeus pós-exílicos acaba produzindo um mito da terra populosa⁷³, conforme os dois casos aqui analisados, bem como pelos estudos arqueológicos de outras áreas de Judá, por exemplo, na parte sul da região montanhosa e de Judá, no Neguebe, no Vale do Jordão, no Deserto da Judeia e no litoral oeste do Mar Morto⁷⁴.

Todos os indicadores arqueológicos indicam uma verdadeira ruína. Segundo uma resumida estimativa, do século VII ao século VI o número de sítios com assentamentos cai em dois terços (de 115 para 41), e a superfície média dos sítios sobreviventes cai também em dois terços (de 4,4 hectares para 1,4), de modo que se pode estimar que a população tenha tido uma queda de 85% a 90%.⁷⁵

CONCLUSÃO

Ao final de nossa abordagem, podemos apresentar uma resposta adequada a cada uma das perguntas iniciais. Jerusalém, de fato, sofreu uma enorme destruição causada pelos babilônios, conforme os relatos bíblicos. Suas casas, seus prédios públicos, seu santuário e a “casa do rei” foram queimados e destruídos, sem piedade alguma do poderoso império da época. Além disso, a população de Judá, ao menos na Grande Jerusalém e na Sefelá, sofreu uma redução drástica, causada, sem dúvida, por vários fatores, entre eles o exílio, “a espada, a fome e a peste” (Jr 24.9,10).

Em nota de rodapé de um de seus textos, Lipschits apresenta uma

⁷³ Tanto a literatura bíblica quanto textos descobertos em Babilônia (ver arquivos da família Murashu; cf. LONGMAN III, 2016, p. 437-438) revelam a realidade da *gôlá* babilônica. Ali, os judeus gozaram de certa liberdade e vida relativamente confortável no cativeiro (VEEN, 2014, p. 401-402). Embora não fossem totalmente livres, tinham autonomia para construir suas casas, dedicar-se à agricultura (Jr 29.5ss) e ao comércio (BRIGHT, 2003, p. 467; MERRILL, 2001, p. 511). “A integração dos judeus à vida econômica babilônica é comprovada pela participação deles em transações econômicas do dia a dia em que são registrados tanto como credores quanto como devedores em vários documentos de empréstimos e de recibos” (PEARCE, Laurie E. *New evidence for Judeans in Babylonia*. In: LIPSCHITS, Oded; OEMING, Manfred [Orgs.]. **Judah and the Judeans in the Persian Period**. Winona Lake: Eisenbrauns, 2006, p. 402). É provável que parte dessas pessoas morasse em colônias judaicas (cf. Ez 3.15; Ed 2.59. 8.17).

⁷⁴ LIPSCHITS, 2005, p. 224-237.

⁷⁵ LIVERANI, 2014, p. 244.

conclusão, com a qual podemos concordar:

Esses dados não deixam espaço algum para as várias teorias de ‘o mito da terra vazia’ e ainda confirmam, de modo inequívoco, que a destruição e o exílio foram, de fato, eventos históricos, descritos em sua plena crueldade pela historiografia bíblica e também refletidos nas lamentações e nas profecias desse período.⁷⁶

REFERÊNCIAS

- ALBERTZ, Rainer. **Israel in exile: the history and literature of the sixth century B.C.E.** Atlanta: Society of Biblical Literature, 2003.
- AVIGAD, Naaman. New light on the MŞH seal impressions. In: **Israel Exploration Journal**, v. 8, n. 2, p. 113-119.
- BARKAY, Gabriel; FANTALKIN, Alexander; TAL, Oren. A Late Iron Age fortress North of Jerusalem. In: **Bulletin of the American Schools of Oriental Research**, n. 328, 2002, p. 49-71.
- BARSTAD, Hans M. **History and the Hebrew Bible: studies in ancient Israelite and Ancient Near Eastern historiography.** Tübingen: Mohr Siebeck, 2008.
- _____. **The myth of the empty land: a study in the history and archaeology of Judah during the “Exilic” period.** Oslo: Scandinavian University Press, 1996.
- BECKING, Bob. Ezra’s re-enactment of the exile. In: GRABBE, Lester L. (Org.). **Leading captivity captive: ‘the exile’ as history and ideology.** Sheffield: Sheffield Academic, 1998.
- BLENKINSOPP, Joseph; LIPSCHITS, Oded (Orgs.). **Judah and the Judeans in the Neo-Babylonian period.** Winona Lake: Eisenbrauns, 2003.
- BLISS, F. Jones; MACALISTER, R. A. Stewart. **Excavations in Palestine: during the years 1898-1900.** London: Palestine Exploration Fund, 1902.
- BRENEMAN, M. **Ezra, Nehemiah, Esther.** Nashville: Broadman & Holman, 1993.
- BRIGHT, John. **História de Israel.** 7. ed. São Paulo: Paulus, 2003.
- BROWN, F.; DRIVER, S.; BRIGGS, C. **The Brown-Driver-Briggs Hebrew and English lexicon.** Oxford: Clarendon, 1977.
- CARROLL, Robert P. The myth of the empty land. In: JOBLING, David; PIPPIN, Tina (Orgs.). **Ideological criticism of biblical texts.** Atlanta: Scholars, 1992.
- CARTER, Charles E. **The emergence of Yehud in the Persian Period: a social and demographic study.** Sheffield: Sheffield Academic, 1999.
- CONSTABLE, Thomas. **Notes on 2Kings.** [s.l.]: 2016.
- CORNELIUS, Lynne. **The development of accounting in Palestine during the First millennium: 1000-332.** 2015. 249f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia Bíblica) —

⁷⁶ LIPSCHITS, 2003, p. 364, nota 142.

- University of South Africa, Pretoria, 2015.
- EDITORA PAULUS. **Bíblia de Jerusalém**. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2002.
- EDWARDS, Ormond. The year of Jerusalem's destruction: 2 Addaru 597 B.C. reinterpreted. In: **Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft**, v. 104, n. 1, 1992, p. 101-106.
- ELLINGER, K., RUDOLPH, W. (Eds.). **Biblia Hebraica Stuttgartensia**. 5. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.
- FINKELSTEIN, Israel. The archaeology of the days of Manasseh. In: COOGAN, M. D.; EXUM, J. C.; STAGER, L. E. (Orgs.). **Scripture and other artifacts: essays on the Bible and archaeology in honor of Philip J. King**. Louisville: Westminster John Knox, 1994.
- GOTTWALD, Norman K. **The politics of Ancient Israel**. Louisville: Westminster John Knox, 2001.
- HARRIS, R. Laird; ARCHER, Gleason L., Jr.; WALTKE, Bruce K. (orgs.). **Theological Wordbook of the Old Testament**. Chicago: Moody, 1999.
- HOLLADAY, W. L.; KÖHLER, L. **A concise Hebrew and Aramaic lexicon of the Old Testament**. Leiden: Brill, 2000.
- HUEY, F. B. **Jeremiah, Lamentations**. Nashville: Broadman & Holman, 1993.
- JENNI, Ernst; WESTERMANN, Claus. **Theological lexicon of the Old Testament**. Peabody: Hendrickson, 1997.
- KAEFER, José Ademar. **Arqueologia das terras da Bíblia**. São Paulo: Paulus, 2012.
- KAISER, W. C., Jr. **Grief and pain in the plan of God: Christian assurance and the message of Lamentations**. Fearn: Christian Focus, 2004.
- KEIL, C. F.; DELITZSCH, F. **Commentary on the Old Testament**. Peabody: Hendrickson, 1996. v. 3.
- KENYON, Kathleen M. **Digging up Jerusalem**. London: Benn, 1974.
- KIRST, Nelson, et al. **Dicionário hebraico-português e aramaico-português**. São Leopoldo: Sinodal, 1987.
- LIPSCHITS, Oded. **The fall and rise of Jerusalem: Judah under Babylonian rule**. Winona Lake: Eisenbrauns, 2005.
- _____. Tel Azekah 113 years after: preliminary evaluation of the renewed excavations at the site. In: **Near Eastern Archaeology**, v. 75, n. 4, 2012, p. 196-206.
- LIVERANI, Mario. **Para além da Bíblia: História antiga de Israel**. 2. ed. São Paulo: Paulus/Loyola, 2014.
- LONGMAN III, Tremper, PROVAN, Iain, LONG, V. Philips. **Uma história bíblica de Israel**. São Paulo: Vida Nova, 2016.
- MALAMAT, A. The last kings of Judah and the fall of Jerusalem: an historical-chronological study. In: **Israel Exploration Journal**, v. 18, n. 3, 1968, p. 137-156.
- MAZAR, Eilat. **Discovering the Solomonic wall in Jerusalem: a remarkable archaeological adventure**. Jerusalem: Shoham Academic Research and Publication, 2011.
- MAZAR, Amihai. **Archaeology of the land of the Bible: 10.000-586 B.C.E**. New York: Doubleday, 1990.

- MERRILL, Eugene H. **História de Israel no Antigo Testamento**. Rio de Janeiro: CPAD, 2001.
- MIDDLEMAS, Jill. **The troubles of templeless Judah**. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- MYERS, A. C. (ed.). **The Eerdmans Bible dictionary**. Grand Rapids: Eerdmans, 1987.
- MONTGOMERY, James. **A critical and exegetical commentary on the book of Kings**. Edinburgh: T & T Clark, 1951.
- NA'AMAN, Nadav. **Ancient Israel and its neighbors: Interaction and counteraction**. Winona Lake: Eisenbrauns, 2005.
- O'CONNOR, Kathleen M. The book of Jeremiah: reconstructing community after disaster. In: CARROLL, M. Daniel; LAPSLEY, Jacqueline E (Eds.). **Character ethics and the Old Testament: moral dimensions of Scripture**. Louisville: Westminster John Knox, 2007.
- ORR, James. **The international Standard Bible encyclopedia**. Grand Rapids: Eerdmans, 1939 (versão eletrônica).
- PATTERSON, Richard D.; AUSTEL, Hermann J. 1 and 2 Kings. In: GAEBELEIN, Frank E (Ed.). **The expositor's Bible commentary**. Grand Rapids: Zondervan, 1992. v. 4.
- PEARCE, Laurie E. New evidence for Judeans in Babylonia. In: LIPSCHITS, Oded; OEMING, Manfred (Orgs.). **Judah and the Judeans in the Persian Period**. Winona Lake: Eisenbrauns, 2006.
- PINTO, Carlos Osvaldo. **Foco e desenvolvimento no Antigo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2006.
- PRITCHARD, James B. **Ancient Near Eastern texts relating to the Old Testament**. 3. ed. Princeton: Princeton University Press, 1969.
- SHANKS, Hershel. The city of David after five years of digging. In: **Biblical Archaeology Review**, v. 11, n. 6, 1985.
- SCHNIEDEWIND, William M. **Como a Bíblia tornou-se um livro: a textualização do antigo Israel**. São Paulo: Loyola, 2011.
- SCHÖKEL, Luis Alonso. **Dicionário bíblico hebraico-português**. São Paulo: Paulus, 1997.
- SHILOH, Yigal. Excavations at the city of David I 1978-1982: interim report of the first five seasons. In: **Qedem**, v. 19, 1984.
- _____. Judah and Jerusalem in the eighth-sixth centuries B.C.E. In: GITIN, Seymour; DEVER, William G. (Eds.). **Recent excavations in Israel: studies in Iron Age Archaeology**. Winona Lake: Eisenbrauns, 1989.
- SMITH, Mark S. **O memorial de Deus: história, memória e a experiência do divino no Antigo Israel**. São Paulo: Paulus, 2006.
- SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. **Almeida Revista e Atualizada**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- STERN, Ephraim. The Babylonian gap. In: **Biblical Archaeology Review**, 2000, v. 26, n. 6, p. 45-51,76.
- SWANSON, J. **Dictionary of biblical languages with semantic domains: Hebrew**. Oak

- Harbor: Logos Research Systems, 1997 (edição eletrônica).
- TORREY, Charles C. **The composition and historical value of Ezra-Nehemiah**. Giessen: J. Ricker'sche, 1896.
- TUFNELL, Olga. **Lachish III: The Iron Age**. London: Oxford University Press, 1953.
- VEEN, Peter van der. Sixth-century issues: the fall of Jerusalem, the Exile and the return. In: HESS, Richard S.; ARNOLD, Bill T. (Orgs.). **Ancient Israel's history: an introduction to issues and sources**. Grand Rapids: Baker, 2014.
- WISEMAN, D. J. (Ed.). **Chronicles of Chaldean kings (626-556) in the British Museum**. London: British Museum, 1956.
- _____. **1 e 2 Reis: introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova, 2006.

